Um Instrumento de Diálogo

Eng. L.M. Vilela Pinto

A comunicação constitui, no processo de formação global de um indivíduo, um vector fundamental de evolução, contribuindo decisivamente para uma melhor compreensão dos fenómenos com base numa reflexão multifacetada sobre o mundo exterior.

A constatação da complexidade dos processos e dos produtos e a necessidade de eficácia na resposta que se espera dos profissionais electrotécnicos, face aos desafios que lhe são colocados pela Sociedade, cada vez mais se afirmam como elemen-tos motores de toda a evolução que se vem verificando na indústria, no ensino e na formação profissional no domínio electrotécnico, gerando a necessidade básica de informação continuamente actualizada.

Quando no longínquo mês de Janeiro de 1957 e, por iniciativa do Prof. Ferreira Dias, se deu início à edição do primeiro número da Revista ***Electricidade*** - projecto editorial corporizando na época a necessidade sentida de difusão do conhecimento associado à implementação do sistema electroprodutor nacional -, o "leitmotiv" era já o resultado assimilado da necessidade de comunicação como vector de evolução e aperfeiçoamento.

A este projecto, pela sua validade e oportunidade, aderiram prontamente todos os "actores" do sector, dos produtores aos consumidores, demonstrando toda uma vitalidade digna de relevância.

Passados os anos, vencidas todas as dificuldades e alargados o âmbito e os objectivos de intervanção, a ***Electricidade*** pretende assumir, hoje, em resposta aos sinais da evolução científica e tecnológica e da necessidade de inovação, o "lugar exemplar" de "revista portuguesa de engenharia electrotécnica e electrónica, de computadores e gestão".

Tal objectivo parece claramente atingido.

A estratégia preparada e prossseguida com dedicação, perseverança e competência, em suma, com profissionalismo, levou a ***Electricidade*** a um lugar de relevo no panorama editorial especializado nacional (infelizmente até aqui tão pobre em iniciativas) e à internacionalização.

A relevância dos serviços prestados à Sociedade e à comunidade electrotécnica em particular, afigura-se inquestionável, assumindo-se hoje, a ***Electricidade*** como instrumento de difusão do conhecimento numa área bem mais alargada que a inicial, indispensável à modernização do sector electrotécnico e do País.

Tenho acompanhado, na última década, não só como autor, mas também e, essencialmente, como leitor a enorme evolução registada na revista e o contínuo esforço desenvolvido no sentido de "bem fazer".

Por tudo isto, é com enorme satisfação e renovada esperança que passados mais de trinta e cinco anos desde o parecimento do primeiro número, tenho a honra de colaborar na edição do 300.º número de ***Electricidade*** em ambiente de plena pujança de ideias e inovação editorial.

Nesta hora de júbilo e de afirmação de vontade e de profissionalismo, aproveito a oportunidade para apresentar a todos quantos vêm criando, desenvolvendo e projectando no País e no Mundo este espaço de conhecimento, de diálogo e de interdisciplinaridade, os melhores votos de pleno sucesso. ■

«Quando, em Julho de 1954, uma delegação portuguesa se deslocou ao Brasil para tomar parte na Conferência Mundial da Energia, reunida em Petrópolis, quadro inédito e grande se apresentou aos olhos dos delegados. Terra quase sem fim, onde só o avião consegue dominar as distâncias; rios caudalosos, cujas possibilidades hidroeléctricas excedem de longe a nossa escala habitual; montanhas onde, por fora, o sol renova expontaneamente a floresta e, por dentro, o minério de ferro se oferece generoso em quantidade e pureza; gente, a roçar pelos 60 milhões, a desenvolver vasto programa de fomento económico, a fervilhar ideias de progresso e grandeza, a falar português e a apregoar alto, até nos discursos oficiais da Conferência, a sua raiz lusitana. Mas à atenção dos delegados revelou-se também que estes milhões, que sentem como nós, que têm os nossos defeitos e as nossas virtudes, que conhecem e admiram a História e a Literatura de Portugal – que também lhes pertencem – desconhecem o estado da nossa técnica, tão inteiramente como nós desconhecemos o da sua. Não há que recriminar mas que verificar este isolamento, que ambos ganharíamos em romper».

J.. Ferreira Dias

ELECTRICIDADE, Nº 0, Nov. 1956